

AS VOZES INDÍGENAS ECOAM PARA IMPRESSIONAR NO PAPEL

Carla Lucilene Uhlmann¹

Resumo: Os povos originários do Brasil têm, na oralidade, um traço marcante de sua própria construção identitária. No entanto, com o passar dos séculos, algumas etnias indígenas utilizam o arco e a flecha com outro significado, outras materialidades, como o livro e a escrita foram apropriadas e convertidas em suas novas “armas”. O poder da voz e da escrita ecoa para além das aldeias para criar outros mundos possíveis. Neste sentido, Denízia Kawany Fulkaxó, ou Denízia Cruz, como assina em seus livros, é uma intelectual indígena com destaque no cenário editorial brasileiro. Ela faz (ou tenta estabelecer) com sua escrita o diálogo com os não indígenas. A proposta desse ensaio é refletir como a oralidade, sendo uma particularidade desses povos, também pode ser sentida e constatada nas páginas de livros que estão sendo publicados. Podemos encontrar algumas características da oralidade nos livros impressos, como as vozes coletivas e os movimentos corporais, são cravados no papel.

Palavras-chave: Literatura indígena. Escritoras indígenas. Escrita. Oralidade.

O conhecimento é uma ferramenta de elevação. Para algumas culturas, tal empreitada começa no âmbito familiar, depois no meio escolar e posteriormente perpassa para o meio social. Em se tratando dos povos indígenas do Brasil, o conhecimento circula através da oralidade. A identidade de cada ser humano é formada dentro de uma determinada cultura. E cada

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Linha de pesquisa 1: Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientador: Prof. Dr. José Carlos Felix. Endereço eletrônico: carlinhauhlmann25@gmail.com.

cultura tem sua própria língua para expressar seu entendimento perante o mundo.

A elevação aqui tratada é no sentido de adquirir experiências no decorrer do tempo, da vida. Experiências que tornam os seres humanos aptos a viverem e sobreviverem no mundo atual. O ser humano é corpo-mente-espírito, uma tríade que precisa estar em equilíbrio, ou seja, não há como dissociar a natureza dos seres humanos porque tudo está conectado.

Sabemos que a língua portuguesa é a língua oficial do Brasil, uma língua colonizadora, mas não há somente uma língua falada neste imenso país. Antes da chegada dos portugueses na Terra Brasilis, havia mais de 1000 línguas faladas de povos que aqui já viviam! E hoje há, apenas, em torno de 180 línguas registradas e catalogadas dos povos originários. Além dessas, há as línguas afrodescentes, de imigração e as Libras, e quem as mantêm vivas são os seres humanos.

Aprendemos as primeiras palavras com nossos pais e familiares próximos, e culturalmente já estamos sendo formados. Os primeiros passos são fundamentais para todo o caminhar sobre a sagrada Terra. Os pés firmes no chão, reconhecendo as raízes, irão nos conduzir por caminhos diversos, para perto ou para longe, e este caminho se faz ao caminhar. Quem esteve atento aos ensinamentos dos mais velhos enxergará com olhos de lince o primeiro sinal de perigo e poderá se proteger a tempo.

Porém, o intelectual indígena Ailton Krenak (2022) faz um paralelo com os povos mais tradicionais, que diz o seguinte sobre a “formação” das crianças de zero a sete anos:

(...) nesse período não deveríamos sofrer moldagem alguma. Penso nas palavras “molde”, “forma”, “formar”, “formatar” etc., e que aplicar esses conceitos a pessoas no

primeiro momento da vida, quando são seres inventivos e cheios de subjetividade, é uma violência muito grande (KRENAK, 2022, p. 99).

A partir desse excerto, podemos perceber como a cosmologia ameríndia se distancia de nossa cultura, visão de mundo. Talvez nossas crianças fossem crianças, e não adultas prematuras. Krenak traz outro destaque fundamental em relação à educação e ao futuro:

Ao pensar na relação entre educação e futuro me deparo com uma ambiguidade. Tenho percebido em conversas com educadores de diferentes culturas – não só dos povos originários, mas que trabalham com outras abordagens da infância – que, já no primeiro período da vida, todo aparato de recursos pedagógicos é acionado para moldar a gente. Isso me faz pensar em antigas práticas usadas por diferentes povos deste continente americano para constituir seus coletivos. São práticas ligadas à *produção* da pessoa – o que é muito diferente de moldar alguém –, que entendem que todos nós temos uma transcendência e, ao chegarmos ao mundo, já somos – e o *ser* é a essência de tudo (KRENAK, 2022, p. 93-94).

A confrontação entre as diferenças epistemológicas, originárias e eurocêntricas, nos trazem muitos questionamentos sobre como chegamos até aqui, no século XXI, com ganhos e perdas. Quais narrativas contamos para atravessar os tempos? De que forma a contamos e para quem? Como somos sujeitos de linguagem, precisamos nos atentar para as palavras, para as narrativas, para não cairmos na repetição de histórias equivocadas. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie menciona sobre “o perigo de uma história única”². Somos diversos, somos plurais. Não somos somente uma humanidade. Temos de ter muito

² TEDTALK disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lHs241zeg&t=76s>

cuidado quando nos referimos aos povos indígenas, pois há uma variedade imensa de etnias no território brasileiro que são muito distintas umas das outras; muitas são complementares, mas em determinados assuntos são bem dicotômicos.

A cosmovisão dos povos originários é algo surpreendentemente antagônico à organização civil dos não indígenas. Não adentrando nos pontos divergentes, mas sim, naquilo que é intrínseco dos seres humanos - a voz; mesmo aqueles que não a possuem, conseguem manter a comunicação através da língua de sinais. Se todos soubessem o poder que a voz humana tem, a cuidariam com mais zelo. Falar quando necessário e quando convier. As palavras formosas, por exemplo, carregam toda uma poesia, um ensinamento da tradição, todo um poder, não se pode desprezá-las, jogá-las ao vento, como já mencionava o líder indígena Kaká Werá Jecupé em sua obra *Tupã Tenondé*.

Trazemos novamente Ailton Krenak para refletirmos sobre o tempo, presente e futuro:

Para começar, o futuro não existe – nós apenas o imaginamos. Dizer que alguma coisa vai acontecer no futuro não exige nada de nós, pois ele é uma ilusão. Então, pode-se depositar tudo ali, como em um jogo de dados. Infelizmente, desde a modernidade, fomos provocados a nos inserir no mundo de maneira competitiva. E essa competitividade, estimulada durante séculos, acabou formando um mundo de jogadores (KRENAK, 2022, p. 96-97).

O mundo contemporâneo nos faz correr contra o tempo, como jogadores em competição. Mas que tempo é este? O tempo é também uma invenção humana? “Que tempos são esses, quando falar sobre flores é quase um crime. Pois significa silenciar sobre tanta injustiça?” Bertold Brecht viveu durante a II Guerra Mundial,

presenciou o sofrimento humano de perto, tanto que isso é nítido em suas obras. Percebemos as ações do tempo através do crescimento e desenvolvimento de plantas e animais, e do nosso próprio aflorar.

O imediatismo que a tecnologia alcançou hoje faz o tempo acelerar mais. E isso acontece principalmente nos grandes centros urbanos; a vida passa ainda mais depressa. Quando se vive afastado desses lugares, o tempo tem outra duração, muitas vezes parece que nada acontece, pois conseguimos perceber e apreciar a natureza como um todo. Conseguimos sentir o pertencimento de um determinado local, e não apenas turistas, que estão somente de passagem.

A cultura é pertencimento, é marca de um território. A cultura está imbricada nos corpos humanos. Cuidar dos corpos é cuidar do todo, seres humanos e natureza. Para os povos originários, não há a dicotomia entre homem e natureza. Somos natureza, e sendo parte desse todo cósmico, devemos cuidar da morada terrena, que é a nossa única casa. Memória-corpo-lugar-cultura. Memória ancestral que habita os corpos; e estes estão inseridos em um lugar, e todo local é permeado de uma cultura. Corpos são conexões ligando tempos passados e presentes.

ORALIDADE E ESCRITA: POR QUE OS INDÍGENAS ESTÃO ESCRREVENDO?

As vozes preenchem o espaço sagrado das tribos, que reverberam para além das florestas. Vivemos em uma grande aldeia chamada planeta Terra. O que os brancos estão fazendo com ela? Já se perguntavam os antigos xamãs. A leitura e a escrita, assim como apontou Daniel Munduruku, em seu artigo *A escrita e a autoria fortalecendo a identidade*, não condizem especificamente

com o código verbal, mas, também, com o alfabeto da natureza. Saber ler o que os pássaros e formigas comunicam em seus movimentos é de suma importância para sobreviver nas matas. Temos de observar a dinâmica da natureza, que é cíclica, para repensarmos em novos modos de habitar esse vasto território. O intelectual Munduruku se apropria da escrita como sua flecha, para transmitir e levar conhecimento do seu povo para os não indígenas. Mas nunca deixou a oralidade de lado, que podemos dizer que é a chama vital dos povos originários. Oralidade e escrita são complementares no processo de subjetivação, considerando que a apropriação da linguagem e das formas escritas e orais são os canais de constituição das identidades.

Este levar conhecimento das aldeias para além delas não é de forma gratuita. Como Ailton Krenak já havia mencionado em suas falas potentes “não quero salvar os índios, mas evitar a extinção da espécie humana”. Os povos das florestas resistem há mais de quinhentos anos, e eles continuam sustentando o céu com suas narrativas para “adiar o fim do mundo”.

Para os povos de tradição oral, a escrita é também um meio que causou muita dor em seus antepassados. Nos tempos da invasão, da colonização, os povos indígenas foram obrigados a deixar sua cultura, pouco a pouco, para incorporar a cultura eurocêntrica. Com o passar dos séculos, os povos originários continuaram sofrendo atrocidades: física, linguística e territorial. Por volta dos anos 70 e 80 do século XX, algumas lideranças indígenas começaram a enxergar a língua portuguesa como uma ferramenta de poder que poderia auxiliá-los a seu favor, em especial a escrita. Vejamos o seguinte pensamento do linguista Wilmar D’Angelis:

(...) a escrita recentemente tem sido colocada como uma necessidade por alguns povos indígenas do Brasil. Isso

ocorreu sobretudo depois da Constituição de 1988, que garantiu os direitos à territorialidade e à manutenção dos modos de vida tradicionais. A escrita tem sido entendida, nesse contexto, como uma forma de se apropriar de um instrumento de poder do branco, o que gera inevitáveis ambivalências. Os povos indígenas hesitam sobre os conteúdos que desejam trazer à tona, repensam para quem escrevem e na língua ou no suporte a ser escolhido (NASCIMENTO & LIMA apud, 2014, p. 79).

Ao analisarmos as publicações escritas pelos próprios indígenas, percebemos que o arco e flecha já estavam sendo preparados com muito empenho. Talvez façamos uma primeira pergunta: por que os indígenas estão escrevendo? Trazemos mais uma vez D’Angelis:

Para alguns linguistas, como Wilmar da Rocha D’Angelis (2007), uma sociedade só incorpora a escrita quando a tradição oral está ameaçada de ruptura ou já perdeu sua funcionalidade (...). Da mesma forma, o autor comenta que muitas sociedades de tradição oral consideram traição escrever os mitos para “preservá-los” na transposição da oralidade para a escrita, visto que, com a escrita do mito, “qualquer um, a qualquer momento, pode consultá-lo ou rememorá-lo, sem necessidade de aguardar os momentos adequados em que um narrador se disponha a atualizar a narrativa para sua plateia” (NASCIMENTO & LIMA apud, 2014, p. 80).

Conforme o excerto acima, podemos começar a compreender os diversos pensamentos e traçar alguns paralelos. Para alguns, a escrita é usada para evitar o “esquecimento” de certos costumes e tradições; para outros é levar mensagens para os não indígenas, “ideias para adiar o fim do mundo”, como pontuou Ailton Krenak. A escrita é uma ferramenta utilizada, até então, pelo homem branco. No entanto, como o diálogo e a reivindicação de direitos precisa ser com ele, os indígenas se

apropriaram da língua portuguesa (leitura e escrita) para tentar estabelecer essa conexão.

As histórias contadas oralmente e transcritas para outras materialidades, seja para o livro físico ou digital, são as mesmas? A estudiosa María Teresa Andruetto traz um pertinente destaque sobre as narrativas:

Uma narrativa é uma viagem que nos remete ao território de outro ou de outros, uma maneira, então, de expandir os limites de nossa experiência, tendo acesso a um fragmento de mundo que não é o nosso. Reflete uma necessidade muito humana: a de não nos contentarmos em viver uma única vida e, por isso, o desejo de suspender um pouco o transcurso monocórdio da própria existência para ter acesso a outras vidas e outros mundos possíveis, o que produz, por um lado, certo descanso ante a fadiga de viver e, por outro, o acesso a aspectos sutis do humano que até então nos haviam sido alheios (ANDRUETTO, 2013, p. 54).

As narrativas indígenas, contadas ou escritas, podem soar como exóticas para determinadas pessoas. Alguns ficam admirados aos saberem que os povos das florestas escrevem, pois acham que os indígenas vivem somente nas matas, e nada sabem sobre o mundo dos brancos. Neste caso, ainda bem que o tempo passa mais depressa.

Sob o ponto de vista de Andruetto, o mundo que pertencemos não basta, precisamos saber algo a mais para buscar certos sentidos para nossa existência enquanto seres humanos. Como já mencionado anteriormente, somos sujeitos de linguagem, os vários idiomas preenchem as lacunas visíveis e invisíveis de nossos corpos comunicantes, que são alimentados pelas narrativas, ou como dizia Eduardo Galeano “somos feitos de histórias”.

AS VOZES INDÍGENAS IMPRESSIONAM NO PAPEL

As vozes ganham outro sentido, ecoam, ressoam e reverberam para além das aldeias; as vozes são as flechas, no plural, pois a coletividade e a ancestralidade são a sustentação desse corpo coletivo, dessas vozes. São vozes que chegam para impressionar no papel, deixando marcas fortes ou rasurando, pois o grito de dor ainda estremece. A impressão de tinta, que não é de jenipapo, deixa nas páginas do livro físico várias tonalidades – a escrita.

As narrativas indígenas ganham esta nova materialidade, o arco-livro. As vozes-flechas chegaram às cidades e estão percorrendo e abrindo novos caminhos. As florestas têm muitas vozes que precisam ser escutadas. O homem branco precisa acordar o seu coração, precisa ser atingido com as vozes-flechas (escrita) para repensar seu caminhar.

As primeiras vozes indígenas femininas que impressionaram no papel foram do povo Potiguara. Eliane Potiguara³, natural do Rio de Janeiro, é considerada a primeira mulher indígena a publicar um livro no Brasil. A obra é *A terra é a mãe do índio*, e foi publicada em 1989 pelo GRUMIN (Grupo Mulher Educação Indígena), é um livro-cartilha que fala sobre a história dos povos indígenas brasileiros. Como precursora em suas artes, ela abriu caminhos para outras mulheres (e homens também) seguirem os seus próprios caminhos para poder contar suas próprias histórias.

Eliane Potiguara continua atuante. Já publicou mais seis livros, além de resenhas, artigos, entrevistas para outros suportes (digital, impresso, vídeo). As vozes-flecha de Potiguara reverberam para além de sua vida. Ela narra também a vida de seus antepassados, que a fizeram chegar até o momento presente. Seus

³ Site da escritora Eliane Potiguara: <http://www.elianepotiguara.org.br/#>

encantados avós eram nordestinos, que posteriormente migraram para o sudeste em busca de melhores condições de vida. História que se repetiu inúmeras vezes em várias famílias brasileiras.

A intelectual Potiguara inspira as novas gerações. Essas mulheres indígenas não são somente escritoras. São autoras de suas próprias vidas que estão produzindo uma infinidade de artes. São mulheres, mães, educadoras, pesquisadoras, políticas, professoras, artistas, pois elas ensinam a arte de viver em respeito com a natureza e ao próximo.

Uma jovem mulher intelectual que é muito atuante em sua caminhada – Denízia Kawany Fulkaxó – pertencente à etnia Kariri Xocó. Nascida na aldeia, no município de Porto Real do Colégio, Alagoas, é escritora, professora, contadora de histórias, militante, bacharel em Direito e Mestra em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras. Além disso, é coordenadora do projeto: “Brincando com os Kariris Xocós”, onde percorre várias cidades e estados, participando de feiras e festivais literários.

Atualmente tem três livros publicados: *Kariri Xocó – contos indígenas*, volumes 1, 2 e 3. O quarto volume já está sendo preparado e deverá ser lançado em breve. Todos os títulos foram produzidos pela editora Sesc SP. O primeiro livro traz oito contos sobre o universo indígena. São brincadeiras, guerreiros, pássaros. Já o segundo, que traz um CD com músicas, apresenta seis contos abordando assuntos sobre a maraca, o barro, as plantas sagradas, os rios. E o terceiro livro também tem oito contos. Aborda temáticas sobre o fumo, os mais velhos, a árvore sagrada, o pintor da aldeia, a vacina.

Analisaremos, para este artigo, o primeiro livro. O sumário da obra traz os seguintes títulos dos contos: Kamurim e as Brincadeiras Indígenas; Tawanã e o Pássaro Vi-Vi; Wakay – O

guerreiro da Águia; Yanawá e a Família da Natureza; A dança do Pássaro Akauã; Mutirão da Vida de Soyré; Nhenety Memboré Urubu Mirim Seririte e O canto da Dondonzinha. Todo o miolo do livro traz ilustrações que remetem às histórias. A criatividade e a riqueza das imagens são do ilustrador Caco Bressane.

A obra é indicada para todas as idades, mas, às vezes, a classificação etária acaba diminuindo o poder literário que um livro tem. Muitas editoras classificam os livros por faixas etárias ou por segmento escolar (educação infantil, ensino fundamental I e II e ensino médio). Fragmentar uma obra nessas indicações é reduzi-la em um simples trabalho para cumprir metas ou para agradar o mercado editorial com belas cifras. Uma obra literária possui vários caminhos. É um alimento para a vida, para a alma. É um acalanto para as agruras do cotidiano.

O questionamento citado no início deste artigo “a oralidade, sendo uma particularidade desses povos, também pode ser sentida e constatada nas páginas de livros que estão sendo publicados?” Como podemos elencar e perceber essas marcas da oralidade nos livros impressos? É possível? Como ele se constitui em sua materialidade. A capa do livro é ilustrada com cinco crianças indígenas (três meninos e duas meninas) sentadas em um tronco de árvore. Elas estão vestidas com uma saia curta e usam colares. Já na quarta capa, no centro da página, há um jovem indígena apontando um arco e flecha. O menino está vestido com uma saia curta e usa um bracelete em seu braço direito. O desenho está na cor branca. Na margem da página, há grafismos indígenas na cor marrom clara. Há ainda uma sinopse do livro escrita na cor branca.

Nesta sinopse precisamos fazer uma ressalva em relação ao termo “índio” que é escrito e mencionado também nos contos. No livro *Histórias de Índio*, de Daniel Munduruku, por exemplo, o autor traz a seguinte informação sobre o título da obra: “O título do livro

é uma provocação aos leitores, pois hoje em dia não se fala mais em “índio”, mas em “indígena”, uma palavra que significa “nativo” e é a melhor forma de se referir às pessoas que pertencem a um povo ancestral”. Há muitos indígenas, jovens e adultos, que ainda falam e escrevem o termo “índio”. Nos livros de Denízia Cruz não há nenhuma menção como fez Munduruku em seu livro. Não sabemos se ela está fazendo uma provocação ao escrever “índio” em suas obras ou se isso passou despercebido pela revisão editorial, que também pode acontecer.

Quem já teve a oportunidade de ver algum indígena contando uma história, é perceptível a desenvoltura com a arte da palavra. Parece que as palavras saem dançando, ganhando um corpo-palavra-alma, uma performance que sempre será única. As marcas de oralidade estão em seus corpos, estão em suas vozes.

Essa palavra-corpo-alma está entrelaçada com os códigos verbais. Na capa do livro está escrito o termo indígenas. As ilustrações, que representam as crianças, também evidenciam que são indígenas. Nesta primeira leitura, já presumimos que se trata de um povo específico. Com isso, cada leitor vai trazer para si a imagem e as histórias que já conhecem sobre os povos indígenas.

Podemos fazer alguns apontamentos sobre as histórias, narradas oralmente, mas materializadas nos livros. Os indígenas são povos de tradição oral e, conseqüentemente, já têm as histórias internalizadas, já as conhecem. Talvez os mais jovens não saibam todas as histórias de sua cultura, mas certamente os mais velhos, sim.

Ao escreverem, os indígenas originam uma criação muito particular: sua escrita é política, feita por sujeitos coletivos que colocam em cena novas “formas de ser, de ver, de dizer, de ouvir, de fazer, é o novo mito que os índios colocam em circulação, a partir da situação de ter de escrever para

garantir continuidade de suas gerações” (ALMEIDA, 2004, p. 211). Para a autora, são obras contemporâneas que dialogam com poesia experimental e novas mídias sem perder sua conexão com a terra e suas grafias poderosas (NASCIMENTO & LIMA apud, 2014, p. 80).

Percebemos essas características no livro de Denízia Cruz. Ela está fazendo uma coletânea de contos de seu povo e trazendo para a materialidade do livro impresso:

Essas escritas são também uma tradução, uma leitura que os recentes escritores dos povos originários fazem de si e da dita sociedade envolvente. Mais que olhar-se no espelho do outro, operam em um duplo movimento: inscrevem outras autorias e modelos para uma civilização que é forçada a perceber sua diferença. Atuam como mediadores, seres da relação que aproximam imaginários antes desconectados forçando uma polifonia de vozes, discursos, mundivivências. Problematizam o espaço deixado vazio não só na tradição literária como no imaginário brasileiro (NASCIMENTO & LIMA apud, 2014, p. 80-81).

Vejamos agora um excerto do conto *O canto de Dondonzinha*:

Há muito anos, muitas tribos indígenas fugiram do litoral para o sertão nordestino.

Essa fuga era para escapar dos bravos bandeirantes e dos senhores de engenho que queriam escravizá-los e tomar suas terras.

Muitos índios de várias etnias fugiram, dentre eles uma bela índia chamada Emany.

A narrativa continua revelando os caminhos da protagonista Emany. Nesse trecho, é revelador o que muitos indígenas ainda passam atualmente: fugir para sobreviver. Não é só ficção, infelizmente é a realidade de muitos povos. Emany é guiada pelos sonhos, protegida pelos espíritos, e deverá seguir sempre sua intuição. No livro impresso, por exemplo, não tem o canto escrito

de Dondonzinha. Isso não é revelado aos leitores. E por quê? É sagrado? Só deve ser entoado e cantado na aldeia? Talvez faça parte de algum ritual que os juruás (homens brancos) não possam saber? As perguntas são várias. Para conhecermos a cosmologia indígena, precisaríamos de outras tantas vidas, pois a ancestralidade é presente e futuro. Nem tudo é revelado aos não indígenas, talvez ainda por não merecermos, ou por não os respeitar.

Os juruás não terão o mesmo cuidado ao contar as histórias desses livros, tampouco saberão o momento ideal. Talvez as obras de Denízia e de tantos outros autores indígenas sejam obras para “matar a curiosidade” de muitos leitores, mas outros saberão lê-los com o devido apreço e cuidado.

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. 1ª ed, 2ª impr. Tradução: Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2013.

CRUZ, Denízia. *Kariri Xocó - contos indígenas*. Vol. 1. 2ª reimpr. São Paulo: SESC Edições, 2021.

JECUPÉ, Kaká Werá. *Tupã Tenondé: a criação do Universo, do homem e da terra segundo a tradição oral Guarani*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

KRENAK, Ailton. *Futuro Ancestral*. 1ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. A escrita e a autoria fortalecendo como identidade. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/A_escrita_e_a_autoria_fortalecendo_a_identidade. Acesso: 15 jan. 2023.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. Materiais educativos. Disponível em: <https://nheepora.mlp.org.br/>. Acesso: 31 jan. 2023.

MUNDURUKU, Daniel. *Histórias de Índio*; ilustrações Laurabeatriz. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2016.

NASCIMENTO, Luciana Marino do. & LIMA, Simone de Souza (orgs.). *Caleidoscópios da cultura brasileira*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2014.

